

Avaliação de patentes vai render pontos no Currículo Lattes de pesquisadores

A partir de junho, cientistas brasileiros ajudarão no processo de análise de **patentes** solicitadas ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial ([Inpi](#)). Em troca, em vez de receber remuneração, eles ganharão pontos no **currículo acadêmico**. Esses pontos, que também são conferidos ao pesquisador quando publica artigos científicos, serão levados em conta, por exemplo, quando o cientista fizer um pedido de **financiamento** ao [CNPq](#), agência federal de fomento à ciência.

A remuneração em dinheiro não está descartada. "Vamos pensar nisso no futuro", diz o diretor de patentes do Inpi, Júlio César Moreira. A parceria entre o instituto e o CNPq visa a agilizar a avaliação de patentes, que leva cerca de cinco anos - isso se o pedido foi feito em 2012; pedidos anteriores levam mais tempo.

A agilidade, espera-se, virá dos cientistas. Eles participarão da fase de pesquisa da patente, na qual é verificado se o pedido é mesmo novo. A expectativa é que, por conhecer bem sua área, o cientista faça o trabalho de **pesquisa** mais rápido do que o Inpi. Esse processo hoje leva cerca de oito meses. Com os pesquisadores, o tempo pode ser reduzido em 30%.

INSPIRAÇÃO

A ideia da participação de cientistas na análise de patentes vem de fora: o JPO, equivalente ao Inpi no Japão, já tem usado esse sistema. "Por lá tem dado bem certo", diz Moreira. Por aqui, o Inpi vai fazer um experimento com 60 cientistas de engenharias mecânica, química e elétrica. Eles farão uma capacitação em pesquisa de patentes em maio e começarão a receber os pedidos - encaminhados pelos examinadores do Inpi- já no mês seguinte.

"A ideia é expandir a capacitação para além das engenharias no futuro", afirma Rafael Leite, chefe de propriedade intelectual do CNPq.

Quem se inscreveu para o projeto inicial quer "aprender o que é patenteável", como conta a engenheira química Claudia Danielle Carvalho de Sousa, pesquisadora da UFRJ. Ela é uma das 60 cientistas que vão participar da capacitação do Inpi. "Também quero contribuir para as análises, que ainda demoram muito".

Inpi e CNPq acreditam que esse aprendizado pode trazer um efeito cascata positivo no processo de **inovação**. A inserção dos cientistas na cultura de patenteamento pode melhorar os pedidos que chegam ao Inpi (hoje cerca de 20% são aprovados) e também as suas análises.

Ainda mais porque seis das dez maiores patenteadoras do Brasil são instituições de ensino e pesquisa: USP, Unicamp, UFMG, UFRJ, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e Fapemig (de Minas). "A capacitação dos cientistas em patentes deve melhorar todo o processo. Haverá

OPORTUNIDADE

Postado em 06/05/2013

um subsídio melhor para as análises", diz Leite.

FILA

A parceria com os cientistas é mais uma tentativa do instituto de reduzir o tempo de espera dos pedidos de proteção industrial no País. Hoje, há mais de 160 mil pedidos esperando por análise. Desde o ano passado, tecnologias consideradas "verdes" já passaram a ser analisadas com prioridade. Três pedidos "verdes" foram deferidos em menos de um ano.

Já a partir deste ano, medicamentos para o combate ao câncer, à Aids e às doenças negligenciadas também vão furar a fila.

Fonte: Folha Online